

PRÁTICAS DE LITERATURA COMO AÇÃO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

LEONARDO CAPRA¹; IEDA MARIA KURTZ DE AZEVEDO²; CRISTINA MARIA ROSA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – leonardocapra1@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – Kurtzieda@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O que, quando e como ler na escola? Questionamentos básicos a um estudante de Pedagogia que, no processo de formação docente, passa a indagar sobre como, quando e com que objetivos vai exercer sua função social com qualidade. Para atender proficuamente seu público alvo, são questionamentos que necessitam ser respondidos. Pensando nessas questões, eu e uma colega, ambos integrantes do GELL – Grupo de Estudos em Leitura Literária e bolsistas PET Educação – Programa de Educação Tutorial, desenvolvemos leituras literárias para um grupo de crianças matriculadas em um primeiro ano do Ensino Fundamental em uma Escola da rede pública estadual. O projeto foi realizado entre os meses de maio e setembro do ano de 2018, com 25 crianças que se caracterizam por estarem em vulnerabilidade social.

Responsável por desenvolver intensa programação que culmina na formação do leitor literário entre os universitários da Pedagogia, o GELL, apoiado pelo PET Educação, busca preparar estudantes para exercer, com qualidade e responsabilidade, a mais importante função do Pedagogo: formar leitores e apreciadores de literatura na escola.

Em diversos cenários além das salas de aula nas escolas – em feiras, eventos, salas de leituras, museus, mercado público, bibliotecas escolares e comunitárias e mesmo em corredores da Faculdade – o GELL objetiva proporcionar um encontro profícuo com o livro literário e as pessoas. O foco são os acervos e as “mediações” ou as metodologias de formação do leitor.

Intencionando ser uma efetiva relação entre Ensino, Pesquisa e Extensão, o GELL, através de ações que capacitam o estudante a apresentar o livro literário ao público – alfabetizar literariamente os demais (ROSA, 2015), torna-se ele mesmo pesquisador: de acervos, de autores, de gêneros e de modos de ler, para si e para os outros.

As ações desencadeadas durante as práticas de leitura são previamente preparadas com **estudos teóricos** na área. Nela se destacam os escritos de Ana Maria Machado (2002), Bartolomeu Campos de Queirós (2009), Beatriz Cardoso (2014), Cristina Maria Rosa (2017), Graça Paulino (2014), Lígia Cademartori (2014), Regina Zilberman (2003), Tzvetan Todorov (2012) e Yolanda Reyes (2014).

Os autores concorrem para nos fazer compreender que o livro, a leitura e o pacto firmado entre autor, leitor e texto é único. Além disso, não abrem mão da experiência pessoal no encontro com o livro e o mediador é apenas um aponte, uma vez que quer entregar o livro e seu atributos ao novo alfabetizado, para que este se torne, também um apreciador criterioso.

O mediador é conceituado por (REYS, 2014) como “pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem.” Portanto, quando

exercemos a função de mediadores de leitura, adentramos a escola para que o livro – esse tão importante artefato de nossa cultura – se torne significativo na vida dos educandos e que a partir dele e com seu contato, novas pontes sejam criadas e transformem as vidas imaginárias e reais de seus usuários.

2. METODOLOGIA

De cunho qualitativo, a metodologia adotada tem sido integrada por três ações: estudo (formação prévia, através da literatura), experimento (ações/práticas literárias dentro da escola) e reflexão (avaliar dos processos desenvolvidos e análise).

Antecedendo a execução das leituras literárias que pretendíamos desenvolver com o grupo, questionamos os alunos acerca dos seguintes pontos: 1) Vocês conhecem “livro de histórias”? 2) A professora titular lê para vocês? 3) O quê a professora lê? 4) Quais personagens de histórias vocês lembram? 5) A leitura na biblioteca acontece durante todas as semanas? E na sala de aula a professora lê para vocês? 6) O que é preferível ouvir histórias na biblioteca ou na sala de aula? 7) Ocorre a retirada de livros para ler em casa? E em casa, há livros disponíveis? 8) Vocês estão muito ansiosos para aprender a ler? 9) Para que aprender a ler pode auxiliar na vida cotidiana de vocês? 10) Pai, mãe, avó, avô, tio, irmã, irmão alguém da sua casa lê para você? Se sim, o que lê? 11) Vocês lembram algum nome da pessoa que escreveu as histórias que leem? O que vocês gostam mais numa história, de ouvi-la ou de ver as ilustrações? Este seletivo grupo de questões serviu como um norteador para, a partir das respostas colhidas, conhecermos os saberes literários prévios das crianças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período prática das leituras, desenvolvemos a leitura dos seguintes títulos e seus respectivos autores: 1) *A lagartixa que virou jacaré*, de Izomar Camargo Guilherme; 2) *Não confunda* de Eva Furnari; 3) *Bilílico*, de Eva Furnari; 4) *Quem sou eu?*, de Gianni Rodari; 5) *Os problemas da família Gorgonzola*, também de Eva Furnari; 6) *A gente pode... a gente não pode...*, de Anna Claudia Ramos e Ana Raquel; 7) *Como se fosse dinheiro*, de Ruth Rocha; 8) *O bairro do Marcelo*, também de Ruth Rocha; 9) *Homem rico e homem pobre*, dos Irmãos Grimm.

Entre os procedimentos podemos listar a realização, antes da leitura das obras, de uma exploração oral e visual dos elementos que compõem o livro, como por exemplo, seu autor, ilustrador, título, textos e paratextos. O foco era familiarizar os estudantes com aspectos que estão inseridos no conceito do que é ler.

Um segundo procedimento foram os elementos literários que tornam a leitura mais atrativa para as crianças como a postura ao ler, entonação usada ao ler, localização dentro do espaço da biblioteca e os recursos visuais, ou seja, utilização das imagens dos livros, estes explorados de maneira contínua, elevam o interesse dos educandos para livro ofertado. Procuramos atentar para os gostos das crianças, as sugestões de autores e temáticas. No entanto, garantimos que fossem obras literárias, ou seja, que tivessem um autor e um texto de qualidade e que, através da mediação, pudesse tornar prazeroso o encontro da criança com o livro. O cuidado na escolha de obras, maneira de se portar, o volume da voz e clareza ao ler são ritos que integram os saberes literários.

Ao longo das leituras, o desenvolvimento de um vínculo entre nós, leitores, e nossos ouvintes, as crianças, tornou-se perceptível. O ambiente tornou-se mais organizado e respeitoso, os alunos que antes desconheciam livros e seus autores, agora já solicitam determinados autores – “Queremos Eva de novo!” – e somos facilmente identificados nos corredores como “os professores que fazem as leituras”. A prática das leituras com os alunos em um ambiente diferenciado, de qualidade, eminentemente literário também faz a diferença.

4. CONCLUSÕES

A direção da escola mostrou-se empolgada com o projeto de leitura, as professoras e a bibliotecária elogiaram a implementação das ações planejadas para a promoção de leitura e acesso à literatura. Percebemos que os alunos que passaram pelo diagnóstico tinham escassos conhecimentos literários: não sabiam mencionar o nome de nenhum autor de histórias infantis e quando falavam em “personagens”, referiam-se a protagonistas de filmes televisivos e não de histórias infantis.

Uma das conclusões é que a prática de leitura desenvolvida semanalmente na escola, às segundas-feiras, impactou a rotina dos educandos, que passaram a entender o espaço da biblioteca como um local prazeroso, de trocas de saber, ambiente onde o silêncio deve acontecer para a leitura fluir e a imaginação possa ser vivida com plenitude. Acreditamos que a biblioteca foi compreendida como um espaço literário.

Ao desenvolver a prática de leitura semanal percebemos – a partir de nossas anotações, olhares e comentários ouvidos – a importância do nosso trabalho literário como fator de transformação social. Se considerarmos que os educandos praticamente desconheciam literatura e seus autores, agora atentam a ela, discutem, questionam e sugerem. A importância não se finda na sala de aula, os alunos crescem com o gosto pela leitura e levam experiência de letramento para suas casas, famílias e comunidades, oportunizando que a leitura e o letramento perpassem a vida de todos e, inclusive, mudem suas perspectivas de futuro. Para Kurtz (2018), “estudos que realizamos apontam que não basta a oferta de obras literárias e um espaço bem ambientado para o incentivo à leitura, é necessário que haja uma mediação”. A pergunta inicial então poderia ser respondida de tal forma: O que ler? Literatura de qualidade, sempre considerando os saberes prévios do público. Como ler? Preferencialmente em um espaço silencioso, utilizando entonação de voz, mostrando os atributos de um livro e destacando autores e ilustradores. Quando ler? Com freqüência, todos os dias ou sempre que possível, para que façamos juntos da leitura um mecanismo de mudança social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KURTZ, Ieda de Azevedo. **Gestão escolar: adequação e organização da biblioteca.** 2018, Pelotas. Disponível em: [file:///C:/Users/leona/Downloads/GESTAO%20ESCOLAR%20ADEQUACAO%20E%20ORGANIZACAO%20DA%20BIBLIOTECA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/leona/Downloads/GESTAO%20ESCOLAR%20ADEQUACAO%20E%20ORGANIZACAO%20DA%20BIBLIOTECA%20(1).pdf). Acesso em : 03/09/2018.

PAULINO, Graça. **Revista Presença Pedagógica** .v.10 n.59. set/out. 2004

REYES, Yolanda. **Mediadores de Leitura.** Glossário CEALE.. Belo Horizonte: UFMG,2014. Disponível em :

<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>. Acesso em :03/09/2018.

ROSA, Cristina Maria. Alfabetização Literária. **Alfabeto à Parte.** 16 de junho de 2015. Disponível em: <<http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2015/06/alfabetizacao-literaria-o-que-e.html>>. Acesso em: 28/08/2018